

**CAROLINA MARIA DE JESUS,
MAURA LOPES CANÇADO E WALMIR AYALA:
VIDA E OBRA**

Beatriz Cordeiro Carvalho (UNIGRANRIO)

drfortuna@hotmail.com

Daniele Ribeiro Fortuna (UNIGRANRIO)

drfortuna@hotmail.com

Allan Torres (UNIGRANRIO)

RESUMO

Esta comunicação busca apresentar os resultados do projeto de Iniciação Científica *Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala: contextualização de vida e obra*, desenvolvido com bolsas de Iniciação Científica da FAPERJ e do Santander na Universidade Unigranrio. Os objetivos da pesquisa foram: realizar um levantamento bibliográfico sobre a década de 1950 e início da década de 1960; realizar uma pesquisa nos acervos online dos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* sobre a década de 1950 e início da década de 1960, tendo como foco os seguintes temas: homossexualidade, loucura, catador de lixo, condição da mulher e contracultura; analisar e comparar os diários de Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala. Além disso, nesta comunicação, serão explicitadas as impressões gerais sobre cada tema abordado, relacionando-as aos panoramas histórico, social, cultural e econômico da época. Para tanto, são explicitadas as impressões gerais sobre cada tema abordados para ajudar no encaminhamento da pesquisa.

Palavras-chave: Bibliografia. Diários. Contracultura.

1. Introdução

Esta comunicação busca apresentar os resultados do projeto de iniciação científica "Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala: contextualização de vida e obra", desenvolvido com bolsas de iniciação científica da FAPERJ e do Santander na Universidade Unigranrio. Este projeto está vinculado à pesquisa *Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala: corpos e emoções nos diários*, que foi contemplada no edital Jovem Cientista do Nosso Estado, em 2014, e teve início em janeiro de 2015. A pesquisa em questão buscou comparar os diários dos escritores Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala no que diz respeito à descrição de seus corpos e emoções. Estão registrados nas páginas de tais diários passagens importantes da trajetória de cada autor, e seus escritos se tornam importante na existência deles. Isso porque os conteúdos dos textos são mais do que de-

sabafos, e sim relatos de que cada autor escrevia para se sobrepor a cada adversidade encontrada. Carolina Maria de Jesus escrevia para se sobrepor à miséria. Maura Lopes Cançado escrevia para resistir à loucura. E Walmir Ayala, para lidar com a sua homossexualidade na sociedade dos anos 1950.

Por meio das análises, notamos que os diários dos três escritores têm como ponto em comum um cenário configurando as duas principais cidades do Brasil: Rio de Janeiro e São Paulo. As mudanças - de um país agrário para um em processo crescente de urbanização - implicaram também transformações nos padrões estéticos vigentes. Carolina Maria de Jesus testemunhou esta realidade em São Paulo e Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala, no Rio de Janeiro.

O objetivo deste projeto de iniciação científica foi realizar uma pesquisa exploratória (em fontes bibliográficas e sites confiáveis, como o arquivo online do jornal *O Globo* e do jornal *O Estado de S. Paulo*) sobre o contexto em que Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala escreveram suas obras e de que forma tal contexto se relaciona à sua escrita. Assim, não somente o panorama histórico, social, cultural e econômico da época foi estudado, como também a maneira pela qual tal panorama aparecia na escrita desses autores, influenciando-a. Também identificamos em suas obras as referências ao lugar em que viviam: as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. O objetivo, portanto, foi relacionar vida e obra dos três escritores, movimento nem sempre empreendido pela academia que, por vezes, se limita a analisar apenas os aspectos literários dos livros.

O projeto também teve como objetivo analisar as obras de Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado, e Walmir Ayala através da leitura de seus respectivos diários, de matérias jornalísticas e de um conjunto de críticas de suas obras.

A importância do projeto se deu por conta da necessidade de se estudar importantes autores no cenário cultural da década de 1950 e que são desconhecidos do grande público. Nesse sentido, percebe-se, então, a necessidade de se divulgar a obra desses escritores e oferecer uma perspectiva e uma contribuição original aos estudos literários, especialmente os de literatura comparada, sobre a escrita proveniente dos seus diários.

Apesar de terem sido escritos há mais 50 anos, seus relatos não poderiam ser mais atuais. Os diários apresentam uma realidade e um contexto cultural, nos quais estão presentes, como hoje, questões relativas ao

preconceito racial, à identidade gênero, bem como miséria, pobreza e corrupção... Nesses tempos de crise, os olhos jamais se voltam totalmente para a importância da cultura, mas através dela é possível enxergar uma contundente representação da realidade atual.

Através da escrita, Walmir Ayala, Carolina Maria de Jesus e Maura Lopes Cançado puderam expor suas emoções, buscando se libertar da prisão existencial a que estavam submetidos, cada um com suas particularidades, Maura Cançado, por conta de sua condição médica, Carolina Maria, por sua raça e classe social, e Walmir Ayala por sua opção sexual. Cada um deles é dono de uma história enriquecedora e transformadora, envolvendo superação, aceitação pessoal e controle sobre si mesmo.

2. Um pouco sobre os autores

De origem mineira, foi no Rio de Janeiro que Maura Lopes Cançado deu seus primeiros passos na literatura, publicando, em 1965, o livro *Hospício é Deus*, um diário no qual ela relatou sua passagem por um hospital psiquiátrico, e *O sofredor do ver*, lançado em 1968. No entanto, apesar do talento, sua condição mental a impediu de continuar escrevendo... A escritora nasceu em São Gonçalo de Abaeté, Minas Gerais, em 1929. Era de uma família tradicional de fazendeiros. Desde criança, inventava histórias. Aos sete anos, dizia para os amigos que era filha de russos, tinha uma irmã chamada Natacha e tinha um tio que havia nascido na China, durante uma viagem de seus avós. (MEIRELES, 2014)

Maura casou-se aos 14 anos e logo foi mãe. Separou-se imediatamente após o nascimento da criança. Era uma jovem à frente de seu tempo. Gostava de pilotar aviões e de escrever – queria ser escritora. Porém, era bastante atormentada. Aos 18 anos, internou-se em um hospício por vontade própria.

Aos 22, mudou-se o Rio de Janeiro, onde conviveu com escritores influentes da época e trabalhou no *Jornal do Brasil*, um dos jornais mais importantes do país naquele período. Publicou dois livros: *Hospício é Deus* e *Sofredor do Ver*. Na década de 1960, era vista como uma promessa no cenário cultural, mas que não se concretizou em função da sua doença mental: “Esquizofrênica, ela passou por clínicas psiquiátricas e, em uma delas, matou uma interna e foi detida em um manicômio judiciário”. (MEIRELES, 2014). A escritora faleceu em 1993, solitária e esquecida.

O livro *Hospício é Deus – volume I* é um diário que foi escrito durante a sua internação no Instituto Nise da Silveira, que antes se chamava Gustavo Riedel – Centro Psiquiátrico Nacional. Segundo o jornalista Mauricio Meireles (2014), o volume 2 do diário teria se perdido quando o editor de Maura à época perdeu o original em um táxi. O manuscrito nunca mais foi recuperado.

Walmir Ayala nasceu em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 1933. Seu pai era mecânico de automóveis e, apesar ter incentivado o filho a estudar, era contra sua carreira de escritor. Sua mãe morreu quando Ayala tinha apenas quatro anos, o que marcaria para sempre sua vida e sua carreira.

Assim como Maura, foi também no Rio de Janeiro que o autor sustentou uma carreira bastante promissora, atuando como romancista e destacando-se na poesia e na literatura infanto-juvenil, além de ser crítico de arte. Uma de suas obras mais comentadas é *À Beira do Corpo*, que tem como enredo traição, assassinato e as consequências de tais atos. Homossexual assumido, Ayala relatou em seus diários a busca por aceitação pessoal e a fuga do preconceito presente na sociedade em relação aos homossexuais.

Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914, em Minas Gerais, mas foi em São Paulo que deu os primeiros passos rumo à carreira de escritora. Famosa pelo livro *Quarto de Despejo*, publicado em 1960, foi através da literatura que encontrou uma forma de sair da favela e comprar a tão sonhada casa de alvenaria, sobre a qual fala tanto em seu diário. Era catando lixo que ela se sustentava. Carolina escrevia sobre a realidade a sua volta nos próprios papéis velhos que encontrava pelas ruas. Seus relatos mostram o sofrimento causado pela miséria em que viviam Carolina e sua família e pela desigualdade social da época.

A escritora era mãe solteira de três filhos e teve seu livro editado graças ao jornalista Audálio Dantas, que a conheceu quando fazia uma reportagem na favela do Canindé, em São Paulo, onde morava Carolina. *Quarto de Despejo* tornou-se um grande sucesso editorial, tendo sido publicado em diversos idiomas. A vida de Carolina era dedicada a escrever. Em seu diário, ela dizia que não queria se casar, porque nenhum homem entenderia uma mulher que tinha uma caneta debaixo do travesseiro e era capaz de parar tudo o que estava fazendo para escrever.

3. Sobre os diários

3.1. O diário de Maura Lopes Cançado

No livro *Hospício é Deus*, podemos observar vários aspectos da vida de Maura Lopes Cançado. De início, a autora rememora sua infância e sua relação com seus pais e seus irmãos. No início do livro, quando relembra os primeiros anos de vida, o que mais chama a atenção é a admiração por Didi, sua irmã mais velha. Didi era uma jovem alegre, elegante, extrovertida, alta, popular e amada. E Maura Lopes Cançado, sendo a caçula, recebia mimos e carinhos de Didi. De família grande, com dez irmãos, o que também ganha destaque é a relação com o pai. Maura Lopes Cançado tinha grande admiração pelo pai, que parecia uma figura bastante contraditória. Apesar de não frequentar a igreja, era muito religioso. Ao mesmo tempo que era rígido com a educação dos filhos, mostrava-se um tanto ausente em alguns momentos, porém amoroso em outros... De qualquer forma, seu carinho por Maura Lopes Cançado era evidente:

(...) gostava de ouvir contar histórias. Papai fazia com que todos os que frequentavam nossa casa me contassem alguma. Também, papai costumava ter comigo atenções de um namorado. Chegava feliz do quintal, trazendo as melhores frutas por ele encontradas (figos, mangas, laranjas), dando-as a mim, apenas, quando havia outras pessoas na sala – mesmo mamãe. Era meu costume permanecer durante horas junto a papai, introduzindo-lhe as mãos sob a camisa, tocando-o na pele, beijando-o no pescoço, enquanto ele falava de negócios. (CANÇADO, 1965, p. 19)

Quando criança, Maura Lopes Cançado possuía muita imaginação. A autora costumava brincar sozinha na fazenda, travava relações estreitas com árvores e plantas, brincava sério de faz de conta e se elegia algum personagem de histórias infantis. É importante ressaltar características de personalidade, como timidez e o medo. O medo, que aparece em várias partes de seus registros, é o sentimento predominante. Tal medo estava quase sempre relacionado à ideia da morte:

(...) o medo foi uma constante em minha vida. Temia andar sozinha pela casa, ainda durante o dia. Sofria mais que o normal se me via obrigada a separar-se de mamãe ou papai, ainda que por alguns dias. Temia ser enterrada viva. Voltava sempre ao assunto, perguntando o que me deixassem exposta numa igreja, como fizeram com determinado padre, de quem ela ouvira falar. Quando fiz, muito séria, o pedido a mamãe, ela riu e me afirmou que morria antes de mim. Meu pavor às chuvas acompanhadas de trovões. Se não chovia, eu olhava o céu a todo instante, o dia inteiro, indagando de alguém: “- Acha que vai chover?” Sem nenhuma razão aparente temia determinadas pessoas, outras me inspiravam um nojo físico invencível. (CANÇADO, 1965, p. 20)

Maura Lopes Cançado sempre se indagava sobre várias questões humanas, especialmente a existência de Deus. O próprio título do livro é um exemplo. Em *Hospício é Deus*, o “Deus” seria uma espécie de salvação para sua cura, intercalando com a doença, ou seja, certeza de algo que jamais pudera esquecer algo e que a atormentaria pelo resto da vida:

Estou no Hospício, deus. E hospício é este branco sem fim, onde nos arrancam o coração a cada instante, trazem-no de volta, e o recebemos: trêmulo, exangue – e sempre outro. Hospício são as flores frias que se colam em nossas cabeças perdidas em escadarias de mármore antigo, subitamente futuro – como o que não se pode ainda compreender. São mãos longas levando-nos para não sei onde – paradas bruscas, corpos sacudidos se elevando imensuráveis: Hospício é não se sabe o que, porque Hospício é deus. (CANÇADO, 1965, p. 38)

De acordo com o diário, ainda, casou-se aos 14 anos, vivendo cinco na casa de seus sogros. Em seguida, decidiu se separar. Nessa época, julgou ser possível recomeçar a vida sendo aspirante a aviadora. Buscou quebrar barreiras, preconceitos e superar a doença mental. Lutou pelos seus ideais, ultrapassando assim expectativas de parentes e vizinhos. Nesta parte, é possível perceber o contexto inserido, no caso a cidade interiorana de São Gonçalo de Abaeté, em Minas Gerais. Naquele momento, no interior do Brasil, principalmente, havia um estereótipo feminino, que deveria ser seguido: uma moça deveria casar-se, ser mãe e comportada socialmente. Maura Lopes Cançado sofreu as consequências por desafiar tais padrões.

Maura Lopes Cançado era tão livre que se internou no manicômio por vontade própria pela primeira vez aos 18 anos. Aos 22 dois, decidiu internar-se novamente e é nesta fase em que escreve seu diário. Ainda assim, ela afirmava estar essencialmente lúcida. Contraopondo qualquer adversidade, a autora mostra que seus textos são cheios de sentimentos e transbordam num imenso caldeirão de emoções. Com isso, seu diário, também se transformou em lugar de denúncia aos maus tratos sofridos por parte dela e das outras internas. É nítido que fora um instrumento de voz para os oprimidos, portanto, algo revolucionário para década de 1950:

Gostaria de escrever um livro sobre o hospital e como se vive aqui. Só quem passa anonimamente por este lugar pode conhecê-lo. E sou apenas um prefixo no peito do uniforme. Um número a mais. À noite, em nossas camas, somos contadas como se deve fazer com os criminosos nos presídios. Pretende mesmo escrever um livro. Talvez já o esteja fazendo, não queria vivê-lo. (CANÇADO, 1965, p. 81)

Nesse sentido, é possível afirmar que seu diário ultrapassa as barreiras de sua resistência física e mental. Apesar de reclusa, ela conseguia fielmente registrar suas lembranças para não serem esquecidas. No hospital para doentes mentais, a escritora sentiu medo, revolta, nojo, ódio, saudades e, possivelmente, amor. Este último sentimento era dedicado principalmente ao seu analista, Dr. A., um jovem, inteligente e compreensivo. Maura Lopes Cançado o considerava diferente de todas as pessoas que conheceu. É engano pensar que eram flores o convívio dos dois, mas, entre discussões e momentos de distração ao lado dele, a escritora agarrou-se à atenção dada pelo médico como se fosse um bote de salvação para tentar escapar de tudo que a atormentava.

Hospício é Deus é um diário com inúmeros registros da angústia vivida por Maura Lopes Cançado. Suas emoções, medos, prazer são alguns exemplos de resistência a serem citados. Escrever fora uma válvula de escape. Maura Lopes Cançado fez de seu diário uma extensão de seu corpo: sentia a necessidade de escrever assim como tinha necessidade de respirar. Enfim, *Hospício é Deus* colocou uma lupa em vários assuntos pouco discutidos pela sociedade, como a loucura e a condição da mulher no final da década de 1950.

3.2. Diários de Walmir Ayala

O preconceito com os homossexuais sempre esteve presente na sociedade, de maneira acentuada ou não, este é um dos temas dos diários de Walmir Ayala, que foram publicados em três volumes e cujo primeiro volume foi iniciado em março de 1956. Walmir Ayala se sentia fora do contexto social por conta de sua opção sexual, com medo do preconceito que viria a sofrer. Além disso, sentia-se também atormentado pela perda da mãe, que morrera quando ele tinha apenas quatro anos. Tal fato marcaria para sempre seu trabalho e sua carreira.

Por esses motivos, era um homem amargurado e depressivo. Em seu diário, Ayala transitava em indagações religiosas, morais e sociais e, de maneira poética, cortejava a morte para se ver livre de sua própria condição de enlutado, que o atormentava. Apesar de tudo, Ayala era religioso e via na figura de Cristo um amparo para seus conflitos internos, ele se identificava com seu sofrimento e se martirizava por acreditar estar vivendo em pecado... Talvez, por sua religiosidade, é que ele se sentia tão culpado. O julgamento em relação às diferenças era outro aspecto re-

corrente em seu diário, que é intercalado entre passagens poéticas referentes ao cotidiano e seus desabafos pessoais...

Em muitos dos relatos encontrados no diário, o autor, demonstra ter encontrado nova forma de escrita – cartas direcionadas a amigos próximos. Por exemplo, a solidão que o acompanhava fortemente o influenciou a redigir tais cartas. O conteúdo era sobre seus relacionamentos frustrados, suas mazelas, suas esperanças de mudança para alguma eventual situação mais favorável. Confessava-se especialmente para os irmãos Cardoso - Lelena e Lúcio. Neles a confiança fora tão grande que, por vezes, Walmir parecia sentir-se membro da família. Mas sua relação com Lúcio Cardoso foi um dualismo entre amor e ódio. Ambos discordavam sobre muitas questões e concordavam em outras. Já com Lelena não havia divergências. Ayala demonstrava ter uma grande afinidade e empatia por ela. A convivência entre os dois merece destaque no diário. Muito zelosa, Lelena parecia ser uma verdadeira irmã que estava sempre apoiando as atitudes e aconselhando-o quando necessário. Assim Ayala relata:

Lelena sabe o que é o amor. E como sabe. Hoje lendo parte de suas memórias chego ao princípio de que me parece verdadeira explosão de sua personalidade tão fabulosa. É justamente o encontro com amor. O relato da infância, até ali, fica como um quadro, uma relação de costumes e de ingênuas alegrias que a mais integral inocência fundou nesta alma rara e maciça que é Lelena. (AYALA, 1963, p. 54)

Os passeios e a vida boêmia nas grandes metrópoles como Rio de Janeiro, Minas Gerais, Salvador e Rio Grande do Sul são marcantes nos diários de Ayala. Isso porque o escritor parece buscar referências de hábitos típicos de artistas. Nessas viagens, seu olhar curioso permitia que ele explorasse as mais variadas culturas dos locais. Ele também utilizava desse recurso como uma fuga de sua constante tristeza.

Novamente, aparece Lelena: após aceitar viajar com ela para Minas Gerais, Walmir percebe que seus medos e inseguranças na infância estavam diretamente ligados à falta de diálogo:

agora entendo que era a solidão que me deprimia naquelas viagens da minha infância. Com Lelena é um diálogo sem fim. Mesmo, e principalmente talvez, quando estamos calados. O coração substitui as palavras. O ritmo se organiza, há sinfonia tácita (AYALA, 1963, p. 55).

Contudo, esta viagem trouxe lembranças, especialmente na chegada em Ouro Preto, pois o ambiente da cidade histórica, com igrejas e obras de Alejandrinhos, permitiu que revivesse a infância católica. No Rio de Janeiro, sua vida foi de constantes transformações. Na cidade maravi-

lhosa, também demonstrava insatisfação por estar sozinho, mesmo rodeado de amigos - era como se algo faltasse para completá-lo.

Quanto às suas relações amorosas, ainda que o escritor preferisse preservar a identidade de possíveis companheiros, mencionando-os apenas por letras iniciais, sendo uma possível forma de assumir verdadeiros sentimentos: "T. me aguça os nervos para uma intimidade maior. É dos que se lançam a todas as conquistas, mesmo sem capacidade de levá-las a termo, e se contenta com a só certeza de ter inspirado uma revelação". (AYALA, 1963, p. 24)

Os diários de Walmir Ayala trazem um escritor reflexivo com voz ativa para tomadas de decisões importantes. Mostra que a escrita transpassou barreiras. E levaram seu objetivo para além do desabafo. Portanto, o autor transcende a existência de poeta, para com isto, promover rompimentos de tabus impostos em anos complicados na sociedade brasileira.

3.3. Os diários de Carolina Maria de Jesus

No fim da década de 1950, precisamente em 1957, as eleições paulistas fervilhavam. Era nessa ocasião que um jovem repórter chamado Audálio Dantas fora pautado para realização de uma matéria sobre o crescimento exorbitante da favela Canindé, às margens do Rio Tietê, na cidade de São Paulo. Ainda na mesma ocasião, adultos utilizam incorretamente um playground, quando Carolina os avistou, dizendo: "vou colocar vocês no meu livro". E colocou mesmo seus vizinhos em várias passagens de aproximadamente vinte cadernos que guardava em seu barraco, os quais, logo depois, se tornariam o famoso *Quarto de despejo* - Diário de uma favelada, que foi publicado graças a Audálio Dantas.

Quarto de despejo também servia como lugar de denúncias, fatos históricos, brigas, amizades, que são exemplos da observação de Carolina do mundo em que estava inserida. Embora o livro tenha sido editado e traduzido para diversos idiomas, a forma de escrita se manteve fiel. Ou seja, a escritora propõe a todo o momento um pacto referencial (LEJEUNE, 2014), sendo uma espécie de um atestado para o leitor de que suas histórias sobre sua vida na favela seriam verídicas. Talvez seja por esses motivos que, quando Carolina finalmente conseguiu deixar a favela, após ter publicado *Quarto*, o caminhão com a mudança de Carolina tenha sido apedrejado. Contudo, mesmo após chegar ao bairro de Santa-

na, o hábito de escrever continuava. O ambiente mudou, mas a necessidade de transportar para o papel tudo o que ela conseguisse anotar permanecia presente no seu cotidiano.

Ressalta-se o fato da autora ser grafo-maníaca, porque não conseguia parar de escrever e deixou em torno de mais de cento quarenta manuscritos e algumas folhas soltas, que constituem em um legado de luta e marcantes acontecimentos durante sua trajetória. Nenhuma especulação sobre a intelectualidade e pobreza no Brasil pode passar, portanto, ao largo da antiga catadora de papel – que também trabalhou como empregada doméstica, faxineira de hotel, auxiliar de enfermagem, vendedora de cerveja e artista de circo. (RUFINO, 2015, p. 144-145)

Em vários trechos do seu diário, Carolina se referia à fome e às dificuldades que enfrentava com seus filhos. Ao longo do texto, a autora revela o quanto é doloroso sentir fome. O sofrimento parece transpor o corpo, isso porque esse corpo estava paralisado e enfraquecido pela falta de alimento. E juntamente com a fome, a necessidade de utilizar os restos de comida que encontrava em frigoríficos, lixos e donativos de pessoas próximas, "(...) No frigorífico eles não põem mais lixo na rua por causa das mulheres que catavam carne podre para comer". (JESUS, 1997)

Carolina Maria de Jesus representou um grande marco para a literatura brasileira, principalmente nas décadas de 1950 e 1960, tempos conservadores e conturbados e emergente, no qual o país ansiava por mudanças em diversos âmbitos. Segundo Meihy:

Curioso notar que Carolina produziu duas faces para leituras: a externa, que equivalia à formulação da fantasia das injustiças sociais e, junto, o retrato da intimidade de segmentos marginalizada. Internamente, porém, a imagem produzida pela Cinderela Negra dava conta de uma sociedade que, insatisfeita, buscava alternativas de transformações. (MEIHY, 1996, p. 26)

Significando uma mostra da desigualdade social problemática do país, os estudos acerca de Carolina Maria de Jesus ganharam destaque no exterior. Logo, *Meu Estranho Diário*, que continha trechos inéditos de Carolina, produzidos em várias fases de sua vida, levaram ao início da jornada de estudos de Carolina pelo exterior: "muito mais temático, o consumo do livro da escritora favelada servia, acima de tudo, como exemplificação". (MEIHY, 1996, p. 27). A composição do diário se mostra diferente de *Quarto de despejo* no que diz respeito à edição. A transcrição fiel dos manuscritos e a preocupação na busca por não retocar, frases ou jargões que a escritora usava, deixam a autenticidade da obra evidente.

Meu estranho diário traz novas perspectivas sobre a escritora. O livro é dividido em fragmentos como "No quarto de despejo", "Na casa de alvenaria" e "No sítio". Em que cada fase, a autora dá mostras de seu talento para falar de diversos assuntos, como política e desigualdade social. Aborda também a questão da maternidade: Carolina parece estar preocupada em ser uma boa mãe.

Entre tantas manifestações nos registros da escritora, o que chama atenção é o fato de ela lutar contra o cansaço do cotidiano para continuar a escrever. Como nos relata Carolina: "Eu almocei um pouquinho porque estou cansada. Peguei um livro para eu ler. Depois senti frio. Fui sentar no sol. Achei o sol quente fui sentar na sombra. É que lavei muitas roupas. E estou cansada. Depois fui escrever". (JESUS, 1996, p. 41). Assim, Carolina Maria de Jesus encontrava na escrita um lugar de resistência e refúgio.

4. A pesquisa na imprensa

A pesquisa sobre a fortuna crítica de cada autor foi realizada por meio do acesso aos acervos dos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, que reúnem diversas matérias publicadas ao longo dos anos. No entanto, durante a pesquisa, foi possível notar que a maioria das matérias era repetitiva, sempre fazendo uma contextualização do autor em questão, abordando suas obras, suas particularidades, destacando premiações (como no caso de Walmir Ayala) e apresentando organizações de novas edições de suas obras e de estudos sobre esses materiais. Em ambos os acervos eram esses os principais destaques.

Além da pesquisa sobre os próprios autores, foram pesquisados seguintes temas: loucura, catador de lixo, homossexualidade, condição da mulher e contracultura. Com contextos da década de 1950 e início da década de 1960, os temas pesquisados nos acervos demonstram a forma que as "minorias" eram subjugadas pela sociedade carioca e paulista.

Não foram encontradas muitas matérias sobre catadores de lixo. As poucas notícias – sendo duas no jornal *O Globo* -, encontradas se relacionavam à questão da falta de limpeza urbana. No jornal *O Estado de São Paulo*, as palavras estavam avulsas, tornando a busca mais complicada, ou seja, tais matérias, envolviam a urbanização (crescimento populacional) e a vasta quantidade de lixo espalhada pelas cidades. Logo, podemos concluir que a ocupação de catador de lixo, nesta época, era pou-

co divulgada pela imprensa, talvez pelo fato de a questão da reciclagem não ser tão discutida na época.

No que diz respeito à loucura, ao inserir este tema da pesquisa, especialmente no jornal *O Globo*, apareciam sempre informes publicitários em datas festivas. Algumas notícias foram encontradas com o foco em crimes, geralmente passionais. Em *O Estado de São Paulo*, as notícias eram sobre descobertas científicas ou sobre a figura de Freud e psicanálise. Portanto, a temática era pouco relacionada à doença propriamente dita, mas com associações a outras linhas editoriais.

Em relação à contracultura, este assunto aparece relacionado a diversos grupos de pessoas com atitudes consideradas exóticas. As notícias abordadas especificamente em *O Estado de São Paulo*, estavam ligadas a países europeus, onde o movimento tinha mais força. No jornal *O Globo*, ao buscar por este tema, as matérias resultantes de tal busca envolviam pessoas de determinada classe social, trabalhista etc., que eram contra a alguns grupos culturais da época.

Quanto à homossexualidade, poucas matérias foram encontradas: somente 21 – sendo treze em *O Globo* e oito em *O Estado de São Paulo*). A abordagem desse tema sempre era feita de modo objetivo, relacionada a crimes e descobertas do campo da ciência.

A condição da mulher foi o único tema com várias páginas a serem exploradas. No acervo de *O Globo*, havia um caderno especial, no qual se divulgavam dicas de beleza, culinária, moda e estilo. Raramente eram publicadas matérias sobre a condição da mulher em assuntos além dos estereótipos femininos impostos pela sociedade. *O Estado de São Paulo* publicava matérias sobre celebridades e mulheres que exerciam influência nas altas esferas da alta sociedade. O feminicídio também era noticiado com relevância nos dois jornais.

No decorrer das buscas nos acervos online esbarramos em um ponto desfavorável para se tornar uma execução bem-sucedida. Citamos a dificuldade de catalogação do material coletado nos bancos de dados dos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*. O sistema não permite que apenas se copie e cole. Por outro lado, a impressão geraria uma quantidade absurda de papel, o que seria prejudicial para o meio ambiente, bem como para o arquivamento da pesquisa, pois, com a ação do tempo, os papéis se degradariam e perderíamos todo material coletado. Portanto, a solução foi o compartilhamento por meio do sistema do Gmail, mas a visualização é difícil, o que torna seu processo de análise mais lento.

5. Resultados e extensões da pesquisa

Com o objetivo de divulgar a pesquisa e os autores pesquisados, foi estruturado o site <http://escritasdesi/comunicacaoeliteratura.com>. Por meio das postagens realizadas, abordamos não apenas a obra dos autores, como também assuntos relacionados - conceitos de literatura marginal, feiras literárias, formas de contracultura, arte urbana (grafite), movimentos sociais, teatro e região periférica, são exemplos a serem citados. Essas publicações no formato de matérias jornalísticas, tendo como foco embasamento teórico, ligados às obras dos nossos escritores em questão.

O site também buscou recuperar as memórias escritas pelos autores pesquisados, permitiu a descoberta de novos autores ligados à literatura comparada e/ou outras vertentes da literatura e ainda a divulgação das oficinas realizadas durante o projeto. Os autores foram utilizados como base para a maioria das postagens, o que permitiu o aprofundamento na pesquisa, análise e comparação dos diários e matérias publicadas.

Na Universidade Unigranrio, houve uma exposição dedicada aos autores Maura Lopes Caçado, Maria Carolina de Jesus e Walmir Ayala e suas obras, intitulada "Expo Diários", na qual convidamos os visitantes a acessassem o blog, contribuindo com ideias e sugestões de textos. Enfim, o site ultrapassou as expectativas propostas no cronograma de execução, porque permitiu abranger diversos campos na literatura, sociologia e antropologia.

Ao longo do projeto foram realizadas oficinas de diários no Centro de Educação de Jovens e Adultos de Duque de Caxias. As oficinas foram divididas em três encontros: no primeiro dia, mostramos aos participantes a trajetória de vida dos autores. Todos participaram ativamente, sendo curiosos em suas indagações e opinando sobre o assunto. No segundo momento, buscamos fazer exhibições de vídeos, fotografias e trechos dos livros estudados. Para trazer algum diário contemporâneo, utilizamos o livro *Para Francisco*, de Cristiana Guerra, no qual a autora busca resgatar a memória do marido falecido dois meses antes do nascimento do filho, Francisco, contando a ele como eram seu pai e a vida do casal. Ao final das oficinas, os alunos levaram seus "diários" prontos. Contaram como foi a experiência de compor seu diário, relatando sobre a vida familiar, o convívio social, a infância, a perda de entes queridos, entre outros fatos vividos. As anotações mencionadas por eles dizem respeito à descrição de seus corpos e emoções, assemelhando-se à escrita dos autores estudados nos projetos. Portanto, as oficinas mostraram um cenário

de pessoas aparentemente não acostumadas a escrever que descobriram uma fonte de inspiração para continuar a escreverem.

6. Considerações finais

O projeto de Iniciação Científica *Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala: contextualização de vida e obra* permitiu aos alunos ampliar seus conhecimentos literários, acadêmicos e culturais. Com isso, percebemos também como é vasta a gama de autores pouco estudados e também a pouca relevância e visibilidade que possuem nos meios de comunicação de massa. Nossos autores estudados fizeram de sua escrita algo orgânico, parte de seu corpo, pois, para eles, escrever era como respirar. Todos eles colocavam no papel um desabafo necessário para sua resistência e existência, seja na favela, no hospício ou na sociedade.

Ao longo de um ano, pesquisamos sobre os temas apresentados, o que contribuiu para o nosso crescimento acadêmico intelectual. Os diários foram escritos em determinado contexto histórico, cultural, econômico do final da década de 1950, e é possível perceber que tal contexto influenciava sua escrita. Cabe ressaltar ainda que os autores analisados eram considerados, de certa maneira improváveis, pois eram, cada um à sua maneira, pertencente a minorias.

O processo de pesquisa demonstrou também que Carolina, Maura Lopes Cançado e Ayala são pouco conhecidos. Mesmo Carolina, apesar de uma recente – mas passageira – visibilidade em função do centenário de seu nascimento, em 2014, não figura na lista dos escritores mais reconhecidos pelo grande público.

Nesse sentido, os principais objetivos da pesquisa foram cumpridos, que eram analisar e comparar os diários de Carolina Maria de Jesus, Walmir Ayala e Maura Lopes Cançado no que diz respeito aos seus corpos e emoções, além de ampliar os discursos no ambiente acadêmico e cultural sobre tais escritores. Para tanto, utilizamos ferramentas tecnológicas, que permitiram a busca nos acervos online, revistas eletrônicas, a manutenção do blog e levantamentos bibliográficos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYALA, Walmir. *Diário I: difícil é o reino*. Rio de Janeiro: GRD, 1962.
- _____. *Diário II: o visível amor*. Rio de Janeiro: José Alvaro Editor, 1963.
- _____. *Diário III: a fuga do arcanjo*. Rio de Janeiro: Editora Brasília, 1976.
- CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus*, Diário I. Rio de Janeiro: José Alvaro, 1965.
- JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. Organizado por José Carlos Sebe Bom Meihy; Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996.
- _____. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 1997.
- LEJEUNE, Phillippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. A percepção de um brasileiro. In: JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. Organizado por José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996.
- MEIRELES, Mauricio. A mineira Maura Lopes Cançado começa a ter sua obra redescoberta. *O Globo*. 11/04/2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/a-mineira-maura-lobes-cancado-comeca-ter-sua-obra-redescoberta-12184270>> Acesso em: 31/03/2016.
- RUFINO, Joel. *Épuras do social: como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. Rio de Janeiro: Global, 2015.